**A estrutura de classes da sociedade brasileira**

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/10/29/classes-a-e-b-voltam-a-crescer-e-atingem-144-da-populacao.ghtml>

A pesquisa realizada pelo jornal Valor Digital mostrou que embora as classes A e B voltaram a crescer em 2019, as D e E não encolheram conforme o esperado, os dados divulgados revelaram que essa parcela pobre representa 30% da população, que corresponde a 62,3 milhões de pessoas.

A classe C, por sua vez, recuou e apresentou uma decrescente nos gráficos (de 56,3% para 55,3%) e isso pode ser explicado com a ‘devolução das famílias para um estrato social mais elevado’, abrindo margem para a discussão de Ricardo Antunes, onde ele defende a tese de que uma nova ‘classe média’ esteja surgindo vindo de baixo, chamada também de ralé. Essa nova classe iria muito além de renda, pois levaria em questão, também, o estilo de vida de cada indivíduo e o gosto dos emergentes, mas analisando a primeira do ponto de vista da última, não há algo específico dessa nova classe, principalmente se relacionado com os argumentos de Jessé de Souza.

Em sua tese o autor questiona sobre qual é o limite da classe C e apontou que fatores como renda é um dos critérios menos importantes, frisando que dentro dessa nova classe estão os profissionais de telemarketing, pequenos comerciantes e produtores rurais e feirantes, grupos que não são bem remunerados e seus certificados não são socialmente valorizados, mais distantes da classe sofisticada, que possui forte afinidade eletiva mesclada ao discurso conservador.

No Brasil é possível observar o fortalecimento dessa nova classe trabalhadora em um crescente processo de mudança social, o que pode alterar os resultados das próximas pesquisas, dando uma nova dimensão sobre o capitalismo nacional e fazendo com que os 55,3% de brasileiros que fazem parte da atual classe C, possam efetivamente pertencer à outra categoria levando em conta diversos fatores além da renda, partindo do pensamento de Jessé, onde os conceitos da ralé identificam um nicho de pessoas desvalorizadas e até mesmo exploradas, que não têm o espaço nem oportunidades para que possam pertencer a outro grupo, como acontece com a classe média dominadora, que usam o trabalho desta parcela da população inferior para conseguirem avançar novos degraus.

Por este fator, as classes elitizadas (A, B e classe média) apresentam constante crescimento, enquanto aqueles que pertencem ao outro lado da moeda não têm seu trabalho valorizado e, consequentemente, acabam servindo como peça fundamental para o crescimento daqueles que dominam o cenário do mercado atual do Brasil.